

A LENDA DE BUDA

por JAIME CIRNE

Segundo um ilustre professor e insigne publicista,— existiu realmente o Buda, como quere um certo número de orientalistas, nomeadamente Barthélemy-Saint-Hilaire, Rhys Davis, Oldenberg, e além disso toda a tradição do Oriente? ou pelo contrário é apenas um mito solar a suposta personalidade do fundador do budismo, como quere os eminentes indianistas Senart e Kern? E' realmente o budismo uma religião sem deus, conforme dizem uns? ou simplesmente uma doutrina, que tácitamente pressupõe existente aquilo que expressamente não condena, e portanto uma religião que aceita parte das divindades anteriores, sem contar a apoteose do próprio Buda, segundo outros afirmam? E' o Nirvana,—o *summum bonum* que esta revolução religiosa veio substituir ao ideal do bramanismo—um verdadeiro aniquilamento da consciência individual, uma destruição completa da personalidade humana, absorvida para todo o sempre no triste seio do Nada, segundo certa escola sustenta? ou o estado supremo de felicidade búdica significa apenas um êxtase beatífico, um permanente enlévo da criatura na contemplação mística da verdade divina, opinião defendida pelos eruditos doutra escola?

Qualquer das soluções a cada uma das questões precedentes pode ser a verdadeira. E' certo, porém, que nos falta ainda até hoje o dado decisivo, que ponha fora de dúvida uma ou outra das afirmações opostas, que deixamos enunciadas.

No entretanto, não há dúvida que foi o budismo quem veio mostrar dum modo irrefutável a inanidade das especulações idealistas bramânicas e a impossibilidade de serem assimiladas pela consciência popular, embora a personalidade de Buda nos apareça hoje através da tradição dos séculos completamente desfigurada por uma elaboração mística. O budismo como religião popular veio substituir o bramanismo ortodoxo, abstracto e severo, e servir de abrigo às multidões, que no seio duma doutrina mais compassiva precisavam encontrar o repouso espiritual, que a vida prática lhes negava...

O budismo é panteísta: e tolerante com o politeísmo e feiticismo. Buda consubstancia a moral na gratidão, mansidão e caridade. A vida humana é um sonho doloroso e a ciência uma ilusão; o homem não pode conseguir a

felicidade senão despojando-se da personalidade terrestre e entrando no Nirvana, que é a última aspiração dos espiritos dominados pela antipatia a tudo quanto era práctico e real.

Podemos, pois, dizer que Buda é o Messias do bramanismo, é o homem que aparece no momento em que principia a decadência da religião para a reformar, para insufflar-lhe fogo juvenil.

As lendas indianas rodeiam o nascimento do profeta do maravilhoso mais esplêndido. A opulência da férvida imaginação desse povo despendeu todos os seus tesouros para com êles adornar o berço do grande reformador. No simples resumo que vamos dar dessas lendas, hão-de os leitores estudiosos respirar o penetrante aroma da poesia oriental.

No seio do bramanismo, dum príncipe do país de Kosola, e duma família de Kchatri (as naires ou guerreiras) nasceu um jovem príncipe, que, aos 29 anos, renunciando ao mundo, se fez religioso; do nome de sua família é que êle é chamado o ermita de Sakhya (Sakhya Monni) ou Samans Gotama. Tinha dois corpos, um sujeito à morte e às transformações; o outro era o próprio rei, eterno e imutável. Nasceu no equinócio do inverno, isto é, no dia 25 da estrela de *Chiom-tang*, duma virgem formosa, immaculada, de régia raça, e enquanto a paz reinava em toda a terra. Sua mãe gerou-o sem deixar de ser pura, e de súbito um clarão se derrama no mundo, e os cantos suaves dos génios anunciam o nascimento do reparador. Foi adorado por alguns reis; apresentado no templo, um velho padre o tomou nos braços e profetizou, chorando, os seus gloriosos destinos. Ainda criança, é o espanto dos doutores pelo seu muito siso. Depois, retira-se para o deserto, onde passa seis anos em resistência; durante êsse retiro é que se vêem aparecer no seu corpo os trinta e dois sinais de santidade perfeita e oitenta e dois particulares. Voltando à solidão para meditar sobre o amor fraternal e a paciência, é tentado pelo demónio, mas sai triunfante das suas perseguições. Então vai pregando, escolhe discipulos, dá regras para a vida ascética, institui remédios para os pecados, a fim de tirar o mundo do caminho de perdição; os inimigos da sua doutrina enviam-no à força, e quando êle expira treme a terra, e o céu cobre-se de trevas.

Não é singular a semelhança da lenda de Buda (sábio) com a história de Cristo?...

Quando se anuncia às criaturas o nascimento de Buda vão todos os pássaros do Himalaia poisar, cantando e batendo as asas, nos terrados, nas balaustradas, nas galerias, nas arcarías do palácio de Kapels; os lagos cobrem-se de lodão; não acabam na casa mais pobre a manteiga, o azeite, o mel e o açúcar, por mais à larga que desses viveres se gaste; as harpas, as teorbas, os címbalos desentram-se em melodias, sem que mão alguma os toque. Juntam-se os deuses e os ermitãos. Desce então Buda acompanhado por cem milhões de divindades.

Nesse momento, um imenso esplendor, mais vivo do que dez mil sóis, ilumina todas as regiões do mundo. Nesse instante, não há ente vivo que sofra; todos sentem um infinito prazer, e só têm pensamentos affectuosos e ternos. São os deuses que levam o carro de Buda. Cem mil ninfas do céu ou apsarás dirigem os coros, que vão cantando os louvores do recém-nascido. No momento em que êle vai sair do seio de sua mãe, todas as flores abrem o cálice; árvores novas se erguem do solo e entre-abrem os seus botões; correm por todas as partes águas de cheiro, os leões veem do deserto e acumulam-se inofensivos às portas da cidade.

Quinhentos elefantes brancos tocam com as suas trombas nos pés do rei, pai de Buda; os filhos dos deuses aparecem, todos enfeitados, no aposento das mulheres; no azul do céu surgem mil filhas de deuses com leques de penas de pavão; e cem mil, com conchas ao pescoço, brotam da terra imóveis por toda a parte; dez mil urnas cheias andam à roda da cidade. Os ventos não sopram, os rios, o sol, a lua e as estrelas param. Por todos os lados se expande suavemente um clarão de cem mil cores. O fogo não queima. Pérolas e pedras preciosas suspendem-se das arcadas, dos terrados, dos tectos, das galerias. Nenhum animal feroz ousa soltar um grito. Umbelas grandes e pequenas abrem-se profusamente.

Entretanto, a rainha entra no jardim. Uma árvore inclina-se e cumprimenta-a; a rainha pega num ramo, e olhando para o céu, boceja e fica imóvel. Buda sai-lhe da ilharga direita sem a ferir; um lodão branco surge da terra para o aparar; desce do céu uma umbela para o cobrir; correm para o banhar um rio de água fria e um rio de água quente...

Basta; mas a lenda continua por aí fora. Como a água que voa aos cimos do Himalaia, também o maravilhoso, na lenda de Buda, tocou o apogeu, subiu às altas eminências.

Produção e consumo cultural

(Continuação da página anterior)

cia de critérios e personalismos deploráveis, tanto resulta o «tudo ou nada» como o «antes pouco do que nada». No primeiro caso também tanto pode traduzir-se o pernicioso na extrema esquerda da questão, como a nulidade pela abstenção de esforço. No segundo caso nota-se não só uma confrangedora resignação, mas até um sistemático interesse em velar pelo rotineirismo.

Muitas iniciativas, quantas plenas de beleza, muitos esforços, quantos cheios de generosa dedicação, mas a verdade é que nem se procura vencer dificuldades removíveis nem se atende aos factores que matam as iniciativas ao nascer e tornam inglórios todos os esforços.

A percentagem de analfabetos, a dos que se interessam pela cultura, a dos que não podem custear as publicações, a dos que com ellas não simpatizam, a compreendida no campo doutras iniciativas, etc. são factores que nada prome-

tem aos encargos duma boa e séria administração nem à consolidação da vida dessas iniciativas em concorrência. Morrem—e a iniciativa não surge.

Sucedem com essas iniciativas e acontece, lamentavelmente, nos meios intellectuais, o que sempre se observou com a política: grupos, grupinhos e grupelhos.

O que todos os precisados de cultura necessitam é da metódica organização dos esforços daqueles que ao aumento do nível cultural do país devem o que podem, condensando-o em duas ou três—o máximo—de publicações que representem um movimento moral e cultural, organizadas de modo a satisfazer a todos os graus de cultura.

Essas publicações ganhariam a confiança do assinantes, do leitor, do público em geral, atrairiam uma tiragem que lhes permitiria longa vida e as poderiam tornar mais baratas e prestariam, enfim, à cultura, um altíssimo serviço.